

Organização do Conhecimento Responsável:

Promovendo Sociedades Democráticas e Inclusivas

Organizadores: Thiago Henrique Bragato Barros e Natalia Bolfarini Tognoli.



ISKO-BRASIL



THIAGO HENRIQUE BRAGATO BARROS

NATALIA BOLFARINI TOGNOLI

Organizadores

**ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO RESPONSÁVEL: PROMOVENDO
SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS E INCLUSIVAS**



BELÉM, PA

2019

© 2019 A reprodução desse livro na íntegra ou em parte é permitida, desde que citados os créditos. Proibida a venda.

Comissão Organizadora

Thiago Henrique Bragato Barros (Presidente)
Deise Maria Antônio Sabbag
Natalia Bolfarini Tognoli
Gilberto Gomes Cândido

Presidente da Comissão Científica

Natalia Bolfarini Tognoli (UFF)

Comissão Científica/Conselho Editorial

Ana Cristina de Albuquerque (UEL)
André Vieira de Freitas Araújo (UFRJ)
Benildes Coura Moreira do Santos Maculan (UFMG)
Brigida Cervantes (UEL)
Carlos Cândido de Almeida (UNESP)
Carlos Henrique Marcondes (UFF)
Clarissa Moreira dos Santos Schmidt (UFF)
Cristina Dotta Ortega (UFMG)
Daniel Martínéz-Ávila (UNESP)
Dulce Amélia de Brito Neves (UFPB)
Evelyn Goyannes Dill Orrico (UNIRIO)
Fabiano Ferreira de Castro (UFSCAR)
Fábio Assis Pinho (UPFE)
Franciele Redigolo (UFPA)
Giulia Crippa (USP)
Gustavo Saldanha (IBICT)
Helen Casarin (UNESP)
Johanna Wilhelmina Smit (USP)
José Augusto Chaves Guimarães (UNESP)

Julietti de Andrade (UFF)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR)
Luciana de Souza Gracioso (UFSCAR)
Luciane Paula Vital (UFSC)
Marcílio de Brito (UNB)
Marcos Luiz Cavalcante de Miranda (UNIRIO)
Maria Luiza Almeida Campos (UFF)
Mariângela Spotti Lopes Fujita (UNESP)
Marilda Lopes Ginez de Lara (USP)
Marisa Bräscher Basílio Medeiros (UFSC)
Murilo Artur Araújo da Silveira (UFPE)
Nanci Elizabeth Oddone (UNIRIO)
Rita do Carmo Laipelt (UFRGS)
Rogério Sá Ramalho (UFSCAR)
Renato de Mattos (UFF)
Renato Sousa (UNB)
Rodrigo de Sales (UFSC)
Rodrigo Rabello da Silva (UNB)
Suellen de Oliveira Milani (UFF)
Thiago Henrique Bragato Barros (UFRGS)
Vânia Mara Alves Lima (USP)
Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei (UNIRIO)
Zaira Regina Zafalon (UFSCAR)

Coordenação Editorial: Thiago Henrique Bragato Barros, Glenda da Rocha Monteiro, Leticia Lima Sousa, Nilzete Ferreira Gomes, Gilberto Gomes Candido.

Capa: Maíra Fernandes Alencar.

Revisão textual: Daniel Libonati Gomes e Silvana Bandeira Oliveira.

Normalização: os autores

Organização do conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas

/ [Organizado por] Thiago Henrique Bragato Barros, Natalia Bolfarini Tognoli. – Belém:Ed.da UFPA, 2019.

549. : il. - (Estudos Avançados em Organização do Conhecimento; 5)

Livo eletrônico.

978-85-61214-35-7

Conteúdo: **Eixo 1:** A dimensão epistemológica da organização do conhecimento - **Eixo 2:** A dimensão aplicada da organização do conhecimento - **Eixo 3:** A dimensão política e social da organização do conhecimento.

1. Organização do conhecimento 2. Representação do Conhecimento 3. Ciência da Informação I. Barros, Thiago Henrique Bragato, *org.* II. Tognoli, Natalia Bolfarini, *org.* III. Série.

Organização do Conhecimento em Perspectiva Social: Tesouros e o Compromisso com a Diversidade Cultural

Knowledge Organization in Social Perspective: Thesauri and the Compromise to Cultural Diversity

Pablo Gomes (1), Maria Guiomar da Cunha Frota (2)

(1) Universidade Federal de Minas Gerais, pablogomes.pg@gmail.com. (2) frotaguiomar@yahoo.com.br

Resumo

Os Sistemas de Organização do Conhecimento podem possuir formações linguísticas e conceituais de opressão e de exclusão social. É parte do dever da Ciência da Informação estar vigilante à perpetuação de discursos sedimentados e que acabam por reafirmar ofensas, preconceitos e humilhações a determinados grupos de pessoas, principalmente aqueles apontados como marginalizados, ou seja, que não fazem parte do grupo dominante e que mantêm o poder social. Na busca por essa diversidade, faz-se uma apreensão da literatura da área sobre como os tesouros podem tornar-se mais inclusivos e sobre o papel das garantias semânticas, em específico da garantia filosófica, literária e cultural. Nessa pesquisa, aponta-se a necessidade de revisão dos modelos de construção de tesouros, para que possam ser mais abertos e inclusivos a uma diversidade cultural presente na sociedade atual, a qual é formada por atores sociais que reivindicam seus espaços e suas representações. Para tanto, são sugeridas orientações aos procedimentos de construção de tesouros que permitam a receptividade da garantia cultural.

Palavras-chave: Tesouros; Diversidade cultural; Organização Social do Conhecimento; Garantia cultural.

Abstract

The Knowledge Organization Systems can have linguistic and conceptual formations of social oppression and exclusion. It is part of the duty of Information Science to be vigilant in perpetuating seditious discourses, which end up reaffirming offenses, prejudices and humiliations to certain groups of people, especially those who are labeled as marginalized, that is, who are not part of the group dominant and maintaining social power. In the quest for this diversity, the literature of the area on how thesauri can become more inclusive and on the role of semantic warrant, specific to the philosophical, literary and cultural warrant, is apprehended. This research points out the need to revise the thesaurus construction models so that they can be more open and inclusive to a cultural diversity present in today's society, that formed by social actors who claim their spaces and representations. To this end, guidelines are suggested for the construction of thesauri procedures that allow cultural warrant receptivity.

Keywords: Thesaurus; Cultural diversity; Social Organization of Knowledge; Cultural warrant.

1 Introdução

Como construir tesouros para algumas áreas do conhecimento das Ciências Humanas e Sociais? É uma pergunta cuja resposta parece bem simples: seguindo os modelos de construção de tesouros. Mas surgem outras perguntas quando analisamos mais atentamente tais modelos: eles dão conta da complexidade de áreas que mudam tão constantemente em termos de temas e de problemáticas? Eles abarcam e tratam de temas que também são objeto de disputas no campo político e social? Esses modelos permitem a inclusão de diversidade cultural tratada por essas ciências? A resposta a essas perguntas é que para abarcar a complexidade que envolve a representação da diversidade cultural é necessária uma análise crítica e uma adaptação ou criação de novos modelos. Há tempos os Tesouros se tornaram instrumentos de uso de bibliotecários e de profissionais da informação para a representação da informação, datando da década de 50, portanto, quase 70 anos. Durante esses anos, nos quais os tesouros contribuíram para facilitar tanto a

representação como a recuperação da informação, pouco se pensou sobre as relações de exclusão que podem resultar da ausência de uma análise mais crítica das formas de representação da diversidade.

Se falamos de uma linguagem, nesse caso, a Linguagem Documentária (LD), precisamos entender que o uso de determinados termos em certos contextos possuem relevância por perpetuar formas de opressão social, entendidas no contexto dessa pesquisa como estruturas que são ofensivas, preconceituosas e humilhantes a determinados grupos de pessoas, principalmente aqueles apontados como minorias, consoante às mulheres, negros, LGBTs e outros.

Para dar conta da parte terminológica e conceitual dos tesouros, foram incluídos aos processos de construção de tesouros garantias que visavam a manutenção da qualidade semântica. Algumas ganharam destaque, como a garantia filosófica, literária e de uso. Outras, como a garantia cultural, não conseguiram lugar no campo prático da área em grande escala. Tais garantias são as responsáveis pelo conteúdo que esses tesouros

terão associados a eles, sejam eles para uma diversidade ou para manutenção de discursos de exclusão social.

Por buscarem a redução semântica de um termo e conceito em uma determinada área do conhecimento, levando em consideração a Linguagem Especializada (LE) do campo, os tesouros precisam estar atentos aos entrelaçamentos sociais que determinadas formações linguísticas podem refletir sobre o acervo e a comunidade de usuários. Com isso, é necessária a adoção de garantias que permitam uma inclusão, como é o caso da garantia cultural.

Já faz parte do repertório da literatura sobre Organização do Conhecimento que LDs como Classificação Decimal Universal (CDU) e Classificação Decimal de Dewey (CDD) possuem formações com notações que promovem, a título de exemplo, a intolerância religiosa, como foi o caso apresentado por Trivelato e Moura (2017) ao analisarem a CDU. Essa pesquisa, assim como várias outras, nos leva a retomar a discussão da neutralidade da ação informacional.

Os tesouros não se afastam dos instrumentos de classificação apontados acima, pois são representações simplificadas da estrutura conceitual de uma área por meio de uma estrutura linguística hierárquica. Em seu processo de construção, acabam ficando sob o julgamento daqueles que participaram tomando decisões que implicam em interpretações e pontos de vista parciais.

Guimarães e Pinho (2007) afirmam que os sistemas de representação repercutem padrões pré-estabelecidos por aquele que foi o idealizador do instrumento de organização do conhecimento. Portanto, é utópico falar em sistemas, instrumentos ou ação informacional neutra, já que estará implicado implicitamente no processo as visões de mundo dos elaboradores de tais elementos. É necessário pensar a passagem de uma neutralidade para uma ação ética, isto é, mudar o pensamento de que há uma neutralidade na atividade informacional para uma atividade informacional ética, preocupada com o impacto que cada ação pode refletir.

O entendimento dos autores anteriormente citados também é dado por Barité (2011), ao entender que os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) quando estão entranhados com as visões de mundo de uma única cultura acabam por ser excludentes de assuntos de outras culturas além daquela que foi privilegiada na construção do Sistema.

A crítica dos autores sobre a condução de construção de um SOC, em termos limitadores, seja pela interpretação que o idealizador produz no instrumento ou pela visão de mundo que uma única cultura pode oferecer, pode ser produtora de opressão social ao dar

continuidade a discursos dominantes, e que podem ser ofensivos a determinado grupo de pessoas.

Para tanto, essa pesquisa teve como pergunta norteadora: como tornar os procedimentos de construção de tesouros mais adequados a áreas como das Ciências Humanas e Sociais por meio da garantia cultural e ampliando a diversidade cultural? O objetivo geral foi propor orientações dentro dos modelos de construção de tesouros que dessem abertura à diversidade cultural, por meio da garantia cultural, e conseguissem dar conta da complexidade dessas ciências.

2 Tesouro e a Diversidade Cultural

Vivemos tempos de construção social onde as minorias, aqueles deixados à parte na estrutura da sociedade, reivindicam seus espaços e suas vozes. Temos, dessa forma, a necessidade de repensar todos os elementos sociais com o intuito de dar o devido espaço a todos aqueles que fazem parte e contribuem para a construção da sociedade. Isso implica na inclusão da diversidade cultural em todos os setores, seja no âmbito do trabalho, acadêmico, político, científico, informacional, entre outros.

É ponto nuclear, para que se alcance uma diversidade cultural no âmbito informacional, que todas as instâncias de estudo da Ciência da Informação (CI) se preocupem com a questão da inclusão social das minorias. A Organização da Informação e do Conhecimento deve partir em busca de representar, através dos seus instrumentos, de suas ferramentas e de seus produtos informacionais, as várias formas de diversidade cultural, para que disso importe uma maior identificação dos usuários, das instituições, dos sistemas ou dos serviços de informação.

Os tesouros são instrumentos de Organização da Informação amplamente utilizados por profissionais, como bibliotecários, arquivistas, museólogos e outros. Durante muito tempo esses instrumentos foram conhecidos por serem facilitadores da representação e recuperação da informação. Contudo, os avanços das TICs proporcionaram uma maior interação cultural ao nível mundial numa velocidade inimaginável a sessenta anos atrás, e os tesouros não conseguiram acompanhar a expectativa de indexação de informações que abrangessem uma diversidade cultural a nível global.

Um dos elementos que acabaram provocando essa falta de representatividade nos tesouros foi a sua característica de ser portador de uma única voz, ou seja, de um único discurso, geralmente o científico-acadêmico. Essa característica proporcionava o que Cintra et al. (2002) e Dodebei (2002) chamam, de “economia”. Não sendo esta no sentido de área do conhecimento, mas em relação a uma economia de

significado, pois reduz a abrangência de um termo dentro de um contexto.

Entretanto, abrir a possibilidade de inclusão de várias vozes em um mesmo tesouro não significa tirar a sua característica de limitação contextual. Pensar na possibilidade dos tesouros para acolher os pontos de vista e valores de mais de uma cultura remetem aos estudos da hospitalidade cultural (BEGHTOL, 2002). Essa sendo a habilidade de um SOC de incorporar mais de uma visão de mundo no processo de representação do conhecimento. A autora mencionada busca incluir como ponto de discussão nos SOCs as diversas culturas como um fator preponderante ao cumprimento de uma postura ética. Dessa forma, a hospitalidade cultural traria ao tesouro uma multiplicidade de vozes.

A cultura “conduz-nos a um universo conceitual complexo, constituído por inúmeras vertentes teórico-ideológicas que reflete nas diferentes visões sobre sua concepção e dimensões existentes” (BOCCATO; BISCALCHIN, 2014, p. 39). Nesse sentido, é necessário que os tesouros, assim como outros SOCs, sejam sensíveis à inclusão de pontos de vistas e de valores compartilhados por várias comunidades possíveis de interesse nas informações representadas.

Os tesouros como sistemas de representação da realidade não podem ser excludentes ou discriminatórios das formas como as diferentes pessoas, comunidades e culturas veem determinada apreensão sobre algo ou alguém. No momento que os tesouros deixam de incluir perspectivas sobre um mesmo objeto, eles acabam por colocar de lado uma comunidade de possíveis usuários do sistema de informação, primeiro por esses usuários não conseguirem se comunicar com o sistema e segundo por não se virem representados ou não incluídos.

Vivemos em um mundo onde as interações culturais se tornaram muito próximas e acabaram por provocar o que García Canclini (2015) chama de “culturas híbridas”. No entendimento do mencionado autor, essa hibridização é o processo de interação de diferentes culturas que acaba provocando uma mesclagem cultural. Essa percepção, de culturas híbridas é necessária para a Organização da Informação no momento em que falamos de uma diversidade de pessoas, de culturas diferentes, acessando, interagindo e recuperando informações no mesmo sistema de informação.

Em se tratando de Organização do Conhecimento, é possível analisar que esses princípios se adequam às atividades, mas não a todos os processos que hoje permeiam esse trabalho. É necessário, então, uma reformulação desses processos para que se adaptem à inclusão da diversidade cultural. Uma possibilidade é a inclusão de garantias além das literárias e de uso, que são as mais utilizadas, para incluir a garantia cultural.

3 Garantias na Construção de Tesouros

As garantias são estudadas no contexto dos SOCs e a literatura específica em CI demonstra uma grande produção relacionada aos sistemas de classificação. Entretanto, a aplicação dessas garantias convém também ao estudo e à construção dos tesouros.

Tennis (2005) aponta que a garantia é a racionalização da escolha de um termo ou de conceito para ser incluído ou não em um vocabulário controlado, pois é ela que irá dar os limites necessários para a inclusão ou para a exclusão com base na terminologia. Assim, Feinberg (2010, p. 492, tradução nossa) afirma que é a garantia que “define as fontes potenciais e a razão pela qual um designer de classificação determina o conteúdo da classificação”.

Os tesouros são construídos e formados tendo por base decisões que não podem ser meramente da vontade ou da personalidade de alguém ou de um grupo específico. É necessária a construção de bases sólidas para a tomada dessas decisões, que, geralmente, estão relacionadas à inclusão, à exclusão ou à realocação de termos dentro do tesouro. As garantias, então, “são importantes para validar os conceitos e termos usados para representar um dado domínio” (DIAS, 2015, p. 10). Seguindo esta linha de pensamento, Zeng (apud Carlan, 2010, p. 31) indica que “o processo de seleção de termos e os testes sob os princípios da “garantia”, são muito importantes no desenvolvimento de qualquer SOC”.

Sabemos, então, que as garantias são fundamentais para a construção dos SOCs e, mais precisamente, dos Tesouros. Isso porque, como apontado pelos autores supracitados, as decisões sobre a inclusão ou a exclusão de termos devem ter base racional para que não se tornem um instrumento construído com termos coletados aleatoriamente que não irão representar a LE de uma área do conhecimento.

As garantias são muitas e alguns autores divergem sobre a quantidade, mas no contexto dessa pesquisa nos importa a garantia literária, a filosófica e a cultural. A primeira, garantia literária, é a mais comentada quando se fala da construção de LD, como aponta Dias (2015, p. 12): “a garantia da literatura é uma condição necessária para a construção de sistemas de classificação, tesouros e outros vocabulários controlados”. Sua importância vem da terminologia que é guardada na literatura especializada de uma área do conhecimento. Assim, essa garantia é aquela que busca nas fontes de informação validação para a tomada de decisão e coleta de termos e de conceitos que farão parte do SOC.

Essa é uma visão positivista da representatividade de um termo para uma área do conhecimento. Entretanto, é apontado pela norma técnica da American National Standards Institute/National Information Standards

Organization (ANSI/NISO, Z39.19 de 2005) como um elemento indicativo para assegurar a qualidade semântica. Podemos verificar este fato no próprio conceito apresentado para garantia literária, onde essa é a “justificativa para a representação de um conceito em uma linguagem de indexação ou para a seleção de um termo preferencial por sua ocorrência frequente na literatura” (NATIONAL..., 2005, p. 6, tradução nossa).

Como dito, todo o processo envolvido na garantia literária busca encontrar nos títulos que estão documentados a base para a proposição de um SOC. Como geralmente os SOCs são elaborados para uma área específica, busca-se na linguagem que a comunidade de especialistas usa para apontar aquilo que é mais adequado.

Já a garantia filosófica, que também pode ser encontrada como garantia científica “consistente com o consenso científico e filosófico e baseia-se na autoridade da academia e de pesquisa” (GUEDES; MOURA, 2016, p. 83). Para tanto, a construção de SOC deveria voltar-se à ciência, ou às práticas científicas, para a tomada de decisão quanto à elaboração do sistema. Esse é um dos modos de se ver e de construir os SOCs, baseado em uma maior estabilidade e maior padronização.

Com isso, pode-se haver uma garantia que está muito próxima ao objetivo das LDs, pois estas buscam uma padronização da linguagem dentro de um sistema de informação. Entretanto, vale ressaltar que as LDs buscam uma padronização e não uma regularidade do uso da linguagem, tanto é que vários autores comentam sobre a necessidade de revisão e adequação dos termos das LDs. Bilss (apud Guedes; Moura, 2016, p. 83) comenta que

a importância do relacionamento de princípios baseados em estruturas clássicas do pensamento para o desenvolvimento de um sistema classificatório e sugere aliar princípios práticos, lógicos e filosóficos na orientação no desenvolvimento dos esquemas classificatórios.

Beghtol (1986) indica que a garantia filosófica é apontada como a mais indicada para a construção de SOC por buscar na ciência, ou na academia, a base para a identificação do que possui relevância para o sistema. Isto se dá devido à constância que a ciência possui sobre os assuntos e temáticas. Sua estabilidade, em termos de linguagem, variaria menos que a utilizada pelo especialista de uma área ou pelos usuários.

Por fim, a garantia cultural ganhou destaque principalmente com Beghtol, em 1986, em seu artigo “Validade semântica: conceitos de garantia em sistemas de classificação bibliográfica” (tradução nossa). Essa garantia significa que em “qualquer tipo de sistema de organização e/ou representação do conhecimento pode ser maximamente conveniente e

útil para as pessoas de uma cultura apenas se estiver baseado nos pressupostos, valores e predisposições da mesma cultura” (GUEDES; MOURA, 2016 p. 13). Os autores ainda apontam que

a perspectiva da garantia cultural é um modo de alcançar noções e ideias de difícil reconhecimento por demais parâmetros semânticos em que, tanto as comunidades de usuários possam se identificar como os SOCs sejam capazes de representar abstrações destas ideias (p. 14).

A garantia cultural é, então, o meio de inserção dos valores dos usuários em um SOC que, posteriormente, será acessado pelo próprio usuário. Isso faz com que ele tenha uma maior aproximação com o sistema de informação, pois este irá refletir sobre alguns de seus pressupostos, de seus valores e de suas predisposições, como apontaram os autores.

Pinho (2006, p. 64), trazendo o entendimento de Beghtol diz que a garantia cultural é uma “forma de flexibilizar os sistemas de organização e representação do conhecimento a abrangerem aspectos relativos à diversidade cultural a serem representados”. Essa colocação é importante, pois cada grupo cria e faz parte de uma cultura específica. Se os SOCs puderem agregar, essas especificidades culturais se tornarão, como coloca o autor, mais flexíveis, pois darão ao usuário uma localização de uma perspectiva conhecida e compartilhada por ele.

No entendimento de Gracioso (2010), a inclusão da garantia cultural seria uma forma de reforçar as relações semânticas dentro dos SOCs. Desta maneira, ao final da elaboração de um SOC existiria uma relação de significados mais próxima ao conhecimento dos usuários desses sistemas. É de certa forma previsível que, com essas relações mais próximas culturalmente dos usuários, os profissionais da informação poderiam entender melhor as relações de significado no momento de seus trabalhos com a informação.

Outra colocação que Beghtol (2002) faz, e que é reconhecida por Guedes (2016), é quanto o entendimento da garantia cultural como um conceito guarda-chuva que abrigaria todas as outras garantias. Deste modo, elas seriam uma forma de complemento que daria aporte à garantia cultural. Essa ilustração do guarda-chuva foi dada pela autora já em 1986 e ganhou um retorno com Guedes (2016) e Guedes e Moura (2016).

Por último, Beghtol (1986, p. 121, tradução nossa) indica que

garantias culturais influenciam a operacionalização racional subjacente sobre o qual os sistemas de classificação dependem de significado e utilidade. Para investigar a garantia cultural além do nível intuitivo ou observacional, as técnicas e os resultados de campos como sociologia, sociologia do conhecimento e antropologia social/cultural deveriam ser aplicados ao estudo dos sistemas de classificação bibliográfica.

Entende-se, então, que para a inclusão dessa garantia seria necessário recorrer a técnicas sociológicas que dessem conta da parte cultural para ser inserida dentro do SOC. Algumas que podem ser indicadas são aquelas destinadas à coleta de dados, à entrevista, ao grupo focal, à observação, e que poderiam ser utilizadas para entender o processo de significação dos elementos a serem incluídos no Sistema, com intuito de torná-lo mais diverso em termos visões de mundo.

4 Procedimentos Metodológicos

As estratégias metodológicas foram sistematizadas com intuito de possibilitar a análise dos procedimentos de construção de tesouros e de fazer indicações que possibilitem torná-lo mais aberto e receptivo a uma diversidade cultural.

Inicialmente, buscaram-se os modelos de construção de tesouros que pudessem subsidiar a análise. Dentre os vários encontrados, o Modelo Metodológico Integrado para Construção de Tesouros (MMICT), em anexo I, apresentou-se como o mais adequado no contexto dessa pesquisa empírica. Esse modelo foi proposto por Cervantes (2009) em sua tese de doutorado em CI. O intuito do seu trabalho era sistematizar os vários modelos, normas e autores para criar um modelo integrado em etapas e instruções procedimentais.

Por ser um modelo que estruturou e compilou as etapas de construção em um único instrumento, facilitou e reduziu os esforços da pesquisa. Entretanto, cada etapa proposta no MMITC foi decomposta para entender de forma mais complexa cada uma das instruções indicadas. Com isso, ocorreu o retorno às fontes usadas pela pesquisadora.

Em seguida, ocorreu a leitura crítica do modelo e do construto teórico sobre garantia cultural para uma comparação e associação que adequasse às orientações que são dadas pelos modelos de construção que tem como base a garantia filosófica e literária. Por fim, as orientações coletadas foram categorizadas para facilitar a inclusão de propostas que possibilitassem a abertura do modelo à garantia cultural.

5 Análise e Discussão dos Resultados

Após a análise inicial do modelo, perceberam-se quatro elementos fundantes no processo e que foram categorizados com intuito de facilitar a compreensão dos dados obtidos na leitura do modelo e de suas orientações. As categorias percebidas foram: a) as pessoas; b) os materiais; c) os métodos e d) os processos.

Seguiu-se então para a inclusão de elementos que dessem possibilidade de o tesouro possuir uma hospitalidade cultural. Com isso, em cada uma das

categorias foram pensadas estratégias que possibilitassem a inclusão de mais de uma voz no tesouro final, isto é, mais vozes além da ciência e da academia, que foram outorgadas pela garantia filosófica como as detentoras da LE de uma área.

A intenção foi abrir a possibilidade de haver a participação de outros atores sociais e que contribuam, na dinâmica diária, para a construção da LE de uma determinada área. Limitar a ciência e a academia como as detentoras legítimas dessa linguagem seria reduzir a importância dos outros atores e abrir lacunas que contribuíssem para opressão social e, também, para a perpetuação de discursos que estão sedimentados, mas que precisam ser revistos.

É com base nesses quatro elementos que foi feita a análise dos dados obtidos.

5.1 Pessoas

No MMITC é possível identificar dois grupos de pessoas envolvidas na construção de tesouros. O primeiro grupo é formado pelos profissionais da informação que aplicam o modelo e gerenciam a sua execução. O segundo grupo é o de pessoas que são “consultores” para assegurar ao processo a qualidade semântica necessária a um instrumento que representa conceitualmente uma área do conhecimento.

Os dois foram divididos e apresentados em grupos separados, pois cada grupo mantém relações diferentes com o processo de construção e que não se confundem. A formação do primeiro grupo independe do segundo, contudo o contrário não é verdade, pois o segundo grupo dependerá das escolhas feitas pelo primeiro. A diferenciação das pessoas em grupos foi importante para fazer as indicações específicas a cada um, dado que não são orientações gerais e que abrangeriam todos os envolvidos.

No grupo dos profissionais envolvidos na construção, incluem-se orientações voltadas à formação de uma equipe multidisciplinar e que tenha uma visão e um posicionamento crítico direcionado à visão de mundo que o tesouro em construção busca ter. A questão que se envolve nesse momento é a postura ética de tais profissionais para a busca de uma maior inclusão cultural. Saber que o trabalho que será desenvolvido irá refletir sobre como a comunidade de usuários dos sistemas de informação irá se identificar.

Quanto ao segundo grupo, formado pelos consultores, a orientação dada pela autora do modelo baseada nos instrumentos por ela utilizados é que sejam procurados especialistas. A autora deixa vago o entendimento de quem é o especialista, mas, partindo que a base dos instrumentos por ela utilizados tem foco na garantia filosófica, entende-se que a indicação do especialista é

aquele com formação acadêmica que o permita usar tal titulação.

É necessário apontar que é um grupo que resguarda grande importância sobre o resultado final do tesouro. Nas orientações encontradas sobre o papel dessa equipe a principal era de que eles orientariam sobre a composição dos materiais bibliográficos que serão consultados para a pesquisa terminológica e para direcionamentos sobre a estrutura conceitual da área. Isso importa ao ponto que além das visões de mundo do primeiro grupo, as do segundo também devem estar alinhadas. Esses entendimentos devem ser baseados na busca pela diversidade e tolerância.

Para trazer uma diversidade na composição desse segundo grupo, sugere-se a inclusão também de pessoas fora da academia e da ciência. Não é um caso de exclusão da participação desse perfil de colaborador, mas a inserção de outras pessoas, por exemplo, de movimentos sociais, da prática técnica da área do conhecimento, de pessoas que trabalham em instituições afins com o tesouro e outros.

Com essa formação mais diversa da equipe de consultores, é possível a troca de conhecimentos, de terminologias, de perspectivas, de pontos de vista, que serão fundamentais para que o tesouro seja hospitaleiro a uma diversidade cultural. A multiplicidade de vozes na construção não implica a inclusão de vários termos para um mesmo conceito, ou vários conceitos para um termo, mas sim a possibilidade de uma equipe diversificada possa de forma colaborativa chegar a consensos e auxiliar a equipe de elaboração nas tomadas de decisão.

As escolhas das equipes irão importar quão receptivo ele será às diferenças e à diversidade. Dependendo da condução das equipes, pode somente ocorrer a condução de formas sedimentadas, opressoras e preconceituosas, mas pode trazer também a abertura a uma diversidade cultural que é característica da sociedade atual.

5.2 Materiais

Entende-se para os modelos tradicionais de construção de tesouros que a terminologia de determinada área está registrada em algum suporte, que são os materiais. Sendo mais específico, pelas orientações do modelo analisado e dos outros que subsidiaram sua elaboração, são os materiais bibliográficos.

Nesse momento, volta-se às orientações dadas pela garantia filosófica, mas com o acréscimo da garantia literária. A junção dessas duas garantias traz a diretriz de que os materiais a serem utilizados precisam ser os criados dentro da academia ou pela ciência, garantia filosófica, e que o suporte e formato informacional seriam as fontes bibliográficas (livros, dicionários

especializados, manuais, periódicos, anais de congressos e outros), por conta da garantia literária.

Na orientação pelos materiais bibliográficos produzidos pela ciência e pela academia destaca-se em várias das instruções presentes nos modelos de construção de tesouros. Entende-se que a LE de uma área surgiria e seria criada pelos especialistas, novamente, aqueles com formação acadêmica, por isso buscar nesses materiais pela terminologia especializada.

Entretanto, pensar dessa forma, principalmente nas ciências humanas e sociais, apresenta certas complicações, pois se exclui da complexidade de uma área os atores sociais e suas produções de informação e de conhecimentos, que contribuem para a constituição, organização e manutenção das discussões e que podem não ter sido criados por aqueles com formação acadêmica empossados do título de especialista, mas que não deixam de manter em uma linguagem de comunicação distinta de tantas outras. Isso importa que exista uma comunicação especializada fora da ciência e da academia, que muitas vezes são postas de lado para a criação de tesouros e outras LD.

Como forma de quebrar essa manutenção da ciência como detentora da LE de uma área no processo de construção de tesouros, indica-se a inclusão de fontes diversas. Tem-se como exemplos possíveis para entender e coletar a terminologia livros, jornais e revistas não acadêmicos, boletins de movimentos sociais, entrevistas, documentários, depoimentos, testemunhos etc.

É necessário também pensar no rompimento do uso de materiais escritos. Fontes audiovisuais podem ser importantes fontes para coleta da terminologia de determinada área, como é o caso da Justiça de Transição no Brasil, ramo que coletou muitos testemunhos de vítimas da ditadura militar brasileira e que mantém incorporado em seus relatos visões de mundo e de terminologias que são específicas deles, mas que em certo ponto também é compartilhada pela ciência.

Há novamente a necessidade de reafirmar que não são orientações para a exclusão e invalidação da importância da ciência e da academia para a construção dos tesouros, mas sim a inclusão de novos atores e de materiais criados por eles em seus movimentos, em suas lutas sociais e nas práticas que envolvem o desenvolvimento de uma área do conhecimento.

5.3 Métodos

Os métodos compreendem a forma de sistematização para a construção do tesouro. É por meio desse conjunto de orientações, que também representam escolhas da equipe, que importará quão próximo ou distante o instrumento final estará de uma

representação com qualidade suficiente da área a qual se pretende desenhar.

São utilizados como métodos principais indicados no MMIT e suas fontes a Análise Documentária e a Leitura Técnica das obras. A segunda faz parte do procedimento indicado na primeira, isto é, a Leitura Técnica é uma parte dos procedimentos que compreendem o que vem a ser a Análise Documentária.

Para encontrar os conceitos e termos mais relevantes dentro do *corpus* documental, é necessária a escolha de uma técnica que permita a identificação destes sem que seja preciso a leitura de todos os documentos em sua totalidade. Assim, surge a Análise Documentária, que é amplamente utilizada por profissionais da informação e estudada pela Ciência da Informação.

O processo da Análise Documentária inicia com a leitura do documento até a redução dele em “produtos” que facilitem a recuperação e a disseminação da informação. Um desses produtos são os termos representativos de conceitos que estão presentes nos documentos consultados. Isso implica que esses termos coletados serão utilizados para a construção conceitual da área escolhida para o tesauro. Vários autores colocam a necessidade de compreensão da estrutura do texto como objetivo para uma boa leitura, portanto, conhecer as macroestruturas do texto. Isso implica na utilização de documentos com estruturas padronizadas e que possibilitem essa leitura com direcionamentos predefinidos. Para prover diretrizes para a Análise Documentária, surgiu a NBR 12676/1992. Nela também aparece a leitura das obras como forma de identificar termos e conceitos relevantes. Contudo, percebe-se uma relação de padronização dos procedimentos.

A nova proposta para os métodos de construção de tesouros é a utilização de procedimentos mais abertos. Pensando na proposta de Beghtol (1986) de utilização de técnicas de investigação da sociologia, da sociologia do conhecimento e da antropologia social, indica-se, para alcançar uma aproximação e uma abertura à garantia cultural, a utilização de técnicas utilizadas para a coleta de dados nas pesquisas dessas áreas. Entende-se, então, que para a inclusão dessa garantia seria necessário recorrer a técnicas sociológicas que dessem conta da parte cultural para ser inserida dentro do SOC. Algumas técnicas que podem ser indicadas são a entrevista, o grupo focal, a observação, que poderiam ser utilizados para entender o processo de significação dos elementos a serem incluídos no Sistema, com intuito de torná-lo mais diverso em termos culturais.

Esses instrumentos de coleta de dados seriam indicados para o recolhimento da opinião dos consultores, aqueles que possuem conhecimento, não somente o

conhecimento científico e acadêmico, mas também da área analisada. É uma forma de fazer a aproximação desses consultores com a equipe de construção do tesauro. Como compreendem técnicas de coleta de dados, nesse caso, principalmente opiniões, é necessária a indicação de técnicas para compreender o que se coletou. Parte do trabalho coletado será de fácil entendimento, mas a outra parte, que não é tão explícita, precisa de métodos que ajudem a equipe a entender o que foi dito pelos consultores. O uso da análise do discurso e análise de conteúdo pode ser eficaz nesse momento.

Após as indicações de documentos a serem utilizados para a coleta terminológica, faz-se necessária a análise de tais documentos para verificar se seus entendimentos de mundo se alinham com a visão que o tesauro irá refletir. Com isso, importa novamente o uso das técnicas de análise do discurso e análise de conteúdo. Como livros, artigos, vídeos e outros documentos refletem culturalmente visões de mundo daqueles que os escreveu, é necessário um alinhamento das obras com o instrumento que se pretende construir.

Como é necessário percorrer as obras para a coleta de termos e de conceitos fundamentais, a leitura continua como um procedimento necessário. Entretanto, indica-se a utilização de uma leitura menos padronizada, pois leva em consideração materiais mais diversos que aqueles propostos nos modelos tradicionais.

Portanto, é necessária a criação de estratégias de leituras voltadas a cada tipo de fonte terminológica. As mais usuais são as bibliográficas e que possuem sistematizações na literatura da Ciência da Informação. Entretanto, as fontes mais diversas, como depoimentos, documentários, documentos pessoais e documentos administrativos, precisam de estratégias de leitura mais abertas, pois não se constroem de forma tão padronizada. Assim sendo, as estratégias seriam caminhos predefinidos, mas não fechados, com o qual o profissional iria perfazer para identificar termos e conceitos relevantes para a inserção no tesauro.

5.4 Processos

Os processos no Modelo analisado parecem reportar às formas mais padronizadas possíveis. Essa deve ter sido uma característica que permitiu que houvesse uma grande expansão da construção de tesouros, pois quando a complexidade de construção desses instrumentos é restringida aos procedimentos padronizados, facilitam o processo de construção. Processos padronizados auxiliam a criação de processos automatizados.

Para uma mudança voltada à garantia cultural, o processo precisa levar em consideração as especificidades de cada área. Algumas áreas possuem

características que tornam difíceis a utilização de modelos tão padronizados como o MMICT. Áreas ainda em construção e que estão imbricadas de lutas e disputas sociais no campo material e simbólico são um bom exemplo, pois a terminologia da área ainda é de difícil entendimento. As disputas tornam o processo envolto em decisões complexas e que de certa forma representam inclusões e exclusões. Portanto, é necessário que sempre se volte às formas de inclusão e a uma perspectiva ética que tenha como norte as visões de mundo diversas que se adequem ao objetivo do tesouro.

O processo, com todas essas transformações, necessitará de profissionais envolvidos na construção e que tenham conhecimentos e habilidades para trabalhar com as fontes terminológicas apontadas, assim como os métodos de coleta das opiniões, leitura bibliográfica e de outras obras. Isso tudo baseado em uma visão crítica que permita o constante questionamento sobre o papel que o tesouro irá desempenhar não só frente à Organização da Informação, mas para além disso: de como ela irá gerar uma identificação com a comunidade de usuários.

6 Conclusão

No decorrer desta pesquisa foi possível entender que a garantia cultural possibilitou uma diversidade de participação de pessoas, de materiais de terminológicos, de métodos e de processos para a construção dos tesouros. As fontes, pessoas e materiais, tradicionalmente focadas nos pontos de vista científico e acadêmico, foram ampliadas para a pluralidade de fontes que também são reconhecidas pela Ciência da Informação. Isso provocará no tesouro a possibilidade de convivência de uma diversidade de pontos de vistas que eram negligenciadas nos modelos tradicionais.

Não foi objetivo desta pesquisa desqualificar ou criticar o MMICT proposto por Cervantes (2009), mas entender e discutir que existem áreas e domínios do conhecimento que não respondem de forma tão padronizada em sua construção conceitual e terminológica. Esse talvez não seja o caso de áreas como as ciências exatas e biológicas, que costumam ter uma constância maior de padrões conceituais e terminológicos.

Ampliar esse Modelo para áreas como as das Ciências Humanas e Sociais é necessário ao ponto que essas não respondem de forma tão clara em sua construção conceitual e terminológica. Há o envolvimento de diversos atores da área, não somente da academia e da ciência. Os movimentos sociais, as instituições e os profissionais constituem a cada dia novas formas terminológicas que findam por afetar o entendimento de inclusão e de exclusão.

Em tempos de revisão de conceitos e de termos que podem representar formas opressoras de poder e que ao mesmo tempo geram exclusão social, é preciso que sejam pensados instrumentos que já incluam em seus procedimentos formas de incorporação de pessoas e de materiais terminológicos que permitam a representação de uma área de forma inclusiva e com uma perspectiva cultural diversa.

Para isso, é necessário pensar além da visão simplista dos tesouros serem somente instrumentos de redução semântica dentro do contexto dos Sistemas de Informação. É preciso que os profissionais da informação estejam atentos ao papel que essa redução possui dentro do acervo e que frente à sua comunidade de usuários possam buscar uma maior diversidade e inclusão de conceitos e de termos. Isso implica tornar os tesouros instrumentos de visibilidade social mais democrática.

Essa pesquisa ainda não representa uma ruptura conceitual das formas tradicionais de construção de tesouros, mas suscita em sua essência uma necessidade de revisão dos modelos, das regras, das normas e das diretrizes de construção de tesouros. Tudo isso para que apresentem formas de orientação que sejam mais dinâmicas e abertas sobre o entendimento de que nem todas as áreas e domínios respondem da mesma forma à construção conceitual e terminológica.

Referencias

- BARITÉ, Mario. La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. Palabra Clave: La Plata. En línea, v1, n. 1, p. 2-11, 2011.
- BEGHTOL, Clare. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. *Library Resources & Technical Services*, v. 30, n. 2, p. 109-125, 1986.
- BEGHTOL, Clare. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 5, p. 507-532, 2002.
- BOCCATO, Vera Regina Casari; BISCALCHIN, Ricardo. As dimensões culturais no contexto da construção de vocabulários controlados multilíngues. *Rev. Interam. Bibliot.*, v. 37, n. 3, p. 237-250, 2014.
- CARLAN, Eliana. Sistemas de Organização do Conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos. 2009. 209f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

- CINTRA, Ana Maria Marques. et al. Para entender as linguagens documentárias. São Paulo: Polis: APB, 2002.
- DIAS, Célia da Consolação. A análise de domínio, as comunidades discursivas, a garantia da literatura e outras garantias. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.25, n.2, p. 7-17, 2015.
- DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- FEINBERG, Melanie. Two kinds of evidence: how information systems form rhetorical arguments. *Journal of Documentation*, v. 66 n. 4, p. 491-512, 2010.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2015.
- GRACIOSO, Luciana de Souza. Parâmetros teóricos para elaboração de instrumentos pragmáticos de representação e organização da informação na Web: considerações preliminares sobre uma possível proposta metodológica. *INCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 138-158, 2010.
- GUEDES, Roger de Miranda. O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem. 2016. 155f. Tese (Doutorado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- GUEDES, Roger de Miranda; MOURA, Maria Aparecida. O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.9, n.2, p. 1-21, 2016.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. PINHO, Fabio Assis. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. *Inf. Inf.*, v. 12, n. 1, p. 2007.
- NATIONAL Information Standards Organization. ANSI/NISO Z39.19-2005: guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies. Bethesda: NISO Press, 2005.
- PINHO, Fabio Assis. Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- TENNIS, Joseph T. Experientialist epistemology and classification theory. *Knowledge Organization*, v. 32, n. 2, p. 79-92, 2005.
- TRIVELATO, Rosana Matos da Silva; MOURA, Maria Aparecida. A diversidade cultural e os Sistemas de Representação da Informação. In: PINHO, Fabio Assis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves (Orgs.). *Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento*. Recife: Ed. UFPE, 2017.

Anexo I – Sistematização de etapas da construção de tesouros

MODELO METODOLÓGICO INTEGRADO PARA CONSTRUÇÃO DE TESAURO	
Sistematização de etapas da construção de tesouros (normalização, literatura e tesouros) - Procedimentos terminográficos	
1. Trabalho preliminar (Orientações gerais/Uso de equipamento automático de processamento de dados)	<ul style="list-style-type: none"> – escolha do domínio e da língua do tesouro; – delimitação do subdomínio; – estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica temática; – consulta a especialista do domínio/subdomínio.
2. Método de compilação (Abordagem de compilação)	<ul style="list-style-type: none"> – coleta do <i>corpus</i> do trabalho terminológico; – estabelecimento da árvore de domínio; – expansão da representação do domínio escolhido.
3. Registro de termos	<ul style="list-style-type: none"> – coleta e classificação de termos.
4. Verificação de termos (Admissão e exclusão de termos /Especificidade)	<ul style="list-style-type: none"> – verificação, classificação e confirmação de termos; – elaboração de definições; – uso do vocabulário de especialidade para o estabelecimento de relações entre os descritores e de relações entre descritores e não descritores. – organização das relações entre descritores.
5. Forma de apresentação de um tesouro	<ul style="list-style-type: none"> – trabalhos de apresentação do tesouro.

Fonte: Cervantes (2009, p. 163).